

A ESPIONAGEM AMERICANA INVADIU AS REDES SOCIAIS

Por Jocelyn Rochat*



Imagem gerada por inteligência artificial.

As Big Techs se queixam de governos do mundo todo que querem que elas aumentem a censura, mas é uma característica americana ficar indignado quando outros começam a fazer o que eles já fazem há muito tempo.

No passado, os espiões “ouviam” a internet. Foi a época das “orelhas grandes”, que foram instaladas até na Suíça. Mas já faz algum tempo que os serviços secretos vêm adotando intervenções mais intrusivas. Agora sabemos que eles estão realizando operações psicológicas nas redes sociais e que estão intervindo cada vez mais para tornar invisíveis e censurar certas mensagens.

Sua influência foi novamente denunciada em meados de janeiro por Mark Zuckerberg. “Fundei uma rede social para dar voz às pessoas, mas agora chegamos a um ponto em que há muitos erros e muita censura”, disse o CEO do grupo Meta (Facebook, Instagram) no site da empresa, antes de anunciar mudanças nas regras de moderação de conteúdo.

Zuckerberg já havia denunciado essas práticas perante o Senado no verão passado. Ele esclareceu seu pensamento recentemente, durante uma rara e longa entrevista com Joe Rogan, para seu *podcast* com 19 milhões de assinantes.

De acordo com o CEO da Meta, seus funcionários foram “gritados” e “insultados” durante a pandemia de covid para que ocultassem determinados conteúdos. *“Fomos pressionados ao limite por várias agências e setores do governo para remover postagens que eram honestamente verdadeiras”*, disse Zuckerberg.

Qualquer coisa que indicasse que as vacinas poderiam ter efeitos colaterais foi alvo. A proibição se aplicava até mesmo a conteúdos de natureza humorística ou satírica. *“Foi absurdo”*, disse Zuckerberg.

O Serviço Secreto interveio novamente na preparação para a eleição presidencial dos EUA de 2020 para conter revelações sobre o computador de Hunter Biden.

Para quem perdeu este episódio, vale lembrar que o filho do ex-presidente deixou seu aparelho em uma oficina após sofrer danos causados pela água em 2019. A análise do computador revelou vários crimes prováveis, desde pornografia de vingança até porte de arma, incluindo drogas e tráfico de influência.

Quando o *New York Post* divulgou a história, o FBI abordou a Meta e outras redes sociais, explicando que se tratava de um *troll* russo. Foi, portanto, necessário limitar o acesso às mensagens sobre este tema. A Meta obedeceu, e Zuckerberg agora acredita que essa filtragem teve um impacto “*significativo*” na recepção desse escândalo. Quando Joe Rogan pergunta o que ele pensa sobre essa censura em retrospecto, o CEO responde: *“É uma droga”*.

Ele não é o único a fazer seu *mea culpa*. Num estilo mais educado, o ex-chefe do *Twitter*, Jack Dorsey, também declarou que tomou “*uma má decisão*” ao censurar esta história em sua rede social.

ESCANDALOSO OU MACHISTA?

Em um país onde um presidente teve que renunciar na década de 1970 porque havia espionado o principal partido da oposição (Watergate), essas revelações escandalizaram especialmente o campo republicano.

Os democratas retrataram os comentários de Zuckerberg como um alinhamento lamentável e machista com as posições do novo presidente Trump e seu poderoso aliado Elon Musk.

“É uma pena, mas não é uma surpresa. A mídia tradicional, que é bastante democrática, já fez vista grossa ao caso Twitter Files”, lamenta Fabrice Epelboin, empresário e especialista digital. *“Mas a realidade é que todos na área de tecnologia estão totalmente cientes do que vem acontecendo nos últimos dois anos.”*

Flashback para quem não acompanhou essa história. *“Pouco depois da aquisição da rede social, Elon Musk abriu os arquivos do Twitter para uma seleção de jornalistas que contaram uma história incrível”*, diz Fabrice Epelboin, que deu um curso na Sciences-po Paris sobre o assunto.

“E-mails internos da empresa falam de uma vasta operação de censura, liderada em parte pelo FBI. Levaria horas para analisar as revelações que foram publicadas

naquela época. Resumindo, isso vai desde a invisibilidade do caso do computador do filho de Biden até a censura dos republicanos, incluindo a censura perfeitamente arbitrária durante a covid. E por aí vai, e das melhores.”

Provavelmente ainda não ouvimos a última parte desta história. Porque os Arquivos do Twitter revelam que “o Estado interferiu na liberdade de expressão dos cidadãos”, explica o pesquisador francês. “Quando sabemos da importância da Constituição nesse país tão religioso, onde este texto é colocado no mesmo nível da Bíblia, é extremamente grave, e essas revelações desencadearam um alvoroço judicial e político.”

Atualmente há audiências parlamentares sobre o assunto. “Estou convencido de que isso terminará com muitas prisões, provavelmente a de Jack Dorsey, o ex-CEO do Twitter, que mentiu sob juramento ao afirmar que o conteúdo não foi tornado invisível”, diz Epelboin.

FALÊNCIA COLETIVA

Esse alvoroço político e judicial provavelmente dará visibilidade global às ações dos espões americanos e suas tentativas de manipular a opinião pública. Já era hora, segundo Epelboin, que lamenta “um fracasso coletivo. Você tem uma população que está fazendo cada vez mais perguntas, de forma bastante legítima, sobre o que pode ou não publicar nas redes sociais, e ninguém consegue respondê-las.”

A mídia “não entende nada sobre os problemas de codificação na Internet, que são cruciais nesses casos de censura nas redes sociais, e os políticos estão igualmente perdidos. Quanto à comunidade de especialistas nesses assuntos, eles não conseguem encontrar palavras para explicar o que está acontecendo, enquanto assistimos a uma incrível sucessão de manipulações e mentiras”.

Com os muitos processos judiciais que estão surgindo, e que explicam as reviravoltas de chefões como Zuckerberg, tudo deve ser colocado na mesa.

ESPIÃO, CONECTE-SE!

Os espões realmente se tornaram tão ativos nas redes sociais? O melhor é perguntar a um profissional. Eric Denécé é um ex-analista que se tornou diretor do Centro Francês de Pesquisa de Inteligência (CF2R, *Centre Français de Recherche sur le Renseignement*) em Paris. Ele não ficou surpreso com as revelações de Mark Zuckerberg.

“Sabemos há muito tempo que os serviços secretos trabalham na Internet. Por exemplo, desde 2001, quando os americanos implementaram um sistema chamado Total Information Awareness, que foi rejeitado por interferir muito na vida das pessoas. Na realidade, é a agência NSA que cuida disso. Ela continuou a aumentar sua capacidade de trabalhar em todas as áreas de informação eletrônica, incluindo redes sociais.”

No começo, os americanos controlavam tudo, os canais e o conteúdo, diz Denécé. *“A partir dos anos 2000, isso permitiu que eles organizassem um certo número de revoluções ao redor do mundo. Eles estudaram muito sobre como os soviéticos faziam desestabilização e propaganda durante a Guerra Fria e usaram essas armas a seu favor. O objetivo é influenciar a opinião mundial; a estratégia é o controle das comunicações.”*

A criatura os tem iludido desde a década de 2010. Naquela época, muitas pessoas, por sua vez, recorreram às mídias sociais para defender as causas. Isso varia de ativistas mais ou menos pacíficos até islâmicos. *“O ponto de virada ocorreu durante os anos Obama e resultou no surgimento da censura na internet e nos contratos entre os serviços secretos e os principais provedores de dados”,* diz Denécé.

Como costuma acontecer, os pioneiros americanos foram seguidos. Em sua recente entrevista com Joe Rogan, Zuckerberg denunciou novamente *“governos ao redor do mundo que estão encorajando empresas de tecnologia americanas a censurar mais”*. Entre os países visados está a França, que é regularmente citada como o país que mais pede a proibição de mensagens nas redes sociais.

“É uma característica americana ficar indignado quando os outros começam a fazer o que eles já fazem há muito tempo”, observa Denécé. *“Não estou dizendo que os chineses e os russos não fazem o mesmo, mas os americanos já fazem isso há mais tempo. Este é um aumento de poder que vemos há anos, mas que infelizmente não interessa a ninguém.”*

Publicado no [Tribune de Genève](#).

***Jocelyn Rochat** trabalhou para o Nouveau Quotidien, o Journal de Genève, L'Hebdo e Télétop Matin. Agora ele escreve para Le Matin Dimanche, Tribune de Genève e 24 Heures. Ele também lançou a revista UNIL, Allez savoir! Seus campos favoritos são ciência popular e economia, vida selvagem, indústria do entretenimento, história, religiões e teorias da conspiração.
